

“Desamparo triplamente qualificado

**O desamparo originário
O desamparo na contemporaneidade
O desamparo do sujeito”**

Maura Simões
Renato Pugêdo

Resumo

A proposta deste trabalho é refletir a respeito da temática do DESAMPARO, com base nos estudos metapsicológicos, com associações ao trabalho clínico e sob a lente do Phorus i.p., considerando o “Sujeito em Situação” – o contexto social em que ele se encontra inserido. Nos referimos ao desamparo, neste trabalho, em três distintos momentos: a primeira experiência de desamparo quando nascemos; algumas das sintomatologias apresentadas pelo sujeito contemporâneo em consequência do desamparo no campo do social; e o desamparo do sujeito com ele mesmo.

Palavras-chave

Desamparo, Angústia, Sintoma, Subjetividade, Social, Pânico, Ideal do Ego, Super ego, Repúdio a feminilidade.

I – Introdução

O desamparo é aqui abordado, teoricamente (a partir de estudos metapsicológicos), com associações ao trabalho clínico, já que na clínica, a todo momento, depara-se com uma vivência emocional marcada e presente enquanto DESAMPARO.

Em um primeiro momento, considerando-se a Teoria Freudiana, temos a primeira experiência de desamparo quando nascemos. Num segundo momento, verificando as negociações subjetivas que o sujeito contemporâneo tece frente ao seu desamparo – como ele se sucede no campo social – e as novas sintomatologias em decorrência do convívio social. E, em um terceiro momento, o desamparo do sujeito com ele mesmo.

II – Primeiro Momento

Retomando Freud, ao nascermos somos colocados numa vivência de total impossibilidade de nos suprirmos. Necessitamos de um outro, mais experiente, que nos entenda e nos traduza, com uma “ação específica”, tirando-nos consequentemente, por um tempo, daquele desespero de estarmos diante de uma imensidão sem contornos.

Para Freud, o bebê nasce imaturo e indefeso – depende do outro para sobreviver.

Descreve-se aqui a “experiência de satisfação”, onde é a mãe que põe fim à tensão interna experimentada pelo bebê. É ela que inaugura este primeiro contato com o mundo. Com um outro que consequentemente nos dará apoio e condição para que possamos continuar na ilusão por um determinado período de tempo que somos o centro do mundo.

O bebê não distingue, ainda, ele e a mãe – são um só.

Ele se sentirá soberano.

Tudo acontece por causa dele.

O mundo está aí disponível, para atende-lo.

Esta será a marca dessa mãe, suficientemente boa, que consegue acolher suas demandas, em parte, sem de fato sustentar esta crença.

Mas, aos poucos, no balanço do atende/não atende, vai criando o espaço para a falta acontecer e o desejo poder submergir desse espaço precioso.

É o desamparo original, fundante e estruturante do psiquismo.

Segundo Lucianne Sant'Anna de Menezes(2006) a ideia do desamparo, desenvolvida ao longo da obra de Freud, refere-se à condição de existência do sujeito no mundo (na civilização) que é apoiada numa condição de desamparo psíquico. E é em decorrência desta primeira vivência, em que abandonado à sua própria sorte, diante de excitações poderosas em que não pode lidar e dar conta delas, é que se inaugura o estado de angústia.

É o que Freud desenvolve em Inibição, Sintoma e Angústia (1926).

Ainda associa-se à angústia o conceito de Trauma (condição do bebê em seu nascimento em que não possui nenhuma maturação neurológica e motora, deixando-o em completo estado de dependência e desamparo) – o bebê encontra-se na posição mais primitiva de todas: a de estar “sem recurso” diante do desejo do Outro.

“E é neste drama da relação do Sujeito com o desejo do Outro que se constitui uma estrutura essencial, não somente da neurose, mas de qualquer outra estrutura analiticamente definida”.

Sendo assim, os cuidados maternos são um investimento primordial e fundamental para o bebê; trazendo-lhe um algo a mais, além da conservação de sua vida que é de caráter sexual, inconsciente e enigmático.

É devido a este apoio que se desenvolve a sexualidade.

Portanto, à ordem do pulsional e não do instintivo.

Aqui estão próximos: desamparo, erotismo e sexualidade.

Nesta primeira relação mãe-bebê, dual, narcísica e absoluta sustenta-se uma ilusão de proteção absoluta e um objeto idealizador de amor.

Ao mesmo tempo a criança precisa enfrentar e suportar o desamparo, na medida em que a mãe dirige seus desejos para outros objetos, permitindo a entrada de um outro (o pai) produzindo um limite, um corte, portanto promovendo a castração.

É um momento crucial em que a criança consegue renunciar e simbolizar o objeto perdido (mãe) para se tornar sujeito humano.

A vivência é de incompletude promovida pela castração. É o momento de aceno ao simbólico.

É necessário que a criança passe lentamente por um processo de desilusão e de subjetivação; que o desamparo seja uma experiência tolerável, gradativa, para que o sujeito perceba que não tinha proteção absoluta na vida e nem tampouco que existia um outro capaz de lhe garantir esta proteção absoluta. Só dessa maneira pode-se tolerar a condição do limite, da finitude, da solidão, do inominável, da pulsão.

À partir daqui o desamparo constituirá o núcleo da situação de perigo sobre o qual se desenrolará o Complexo de Édipo (angústia de castração).

Para Freud, então o psiquismo se constrói sobre um fundo de desamparo, configurando assim a finitude do Sujeito, dizendo de uma falta fundamental de garantias sobre o existir e o futuro.

Torna-se impossível a total subjetivação da pulsão. Haverá sempre um resto, algo que não é simbolizável; e que por isso mesmo poderá se tornar traumático (inundamento psíquico), fazendo emergir o sintoma que é considerado por Freud como a angústia de desamparo na criança.

Ainda para Freud, segundo Lucianne (2006), “a espécie humana sempre vai ter que lidar com a questão de uma energética pulsional que marca sua relação com o outro (a mãe, o pai, a família, o professor, a cultura) e que determina, portanto, as características dos laços sociais e dá o movimento e o colorido da subjetividade”.

Portanto, o fator biológico é que estabelece as primeiras situações de perigo (desamparo) e que cria a necessidade de ser protegido (amparado) / amado que nos acompanhará pelo resto de nossas vidas.

O objeto, o “outro” e a perda deste é que nos remete à condição de abandono.

As vivências de desamparo é que nos levam à dar a este outro (objeto) um valor exagerado, pois ele se torna a única proteção diante da situação de desamparo. Assim, os tropeços vividos nesta época estarão relacionados com determinados tipos de patologias.

III – Segundo Momento

Em “O Mal Estar na Civilização” (1930), Freud nos aponta que “*o sofrimento nos ameaça a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e dissolução (...), do mundo externo, que pode voltar-se contra nós com forças de destruição esmagadoras e impiedosas; e, finalmente, de nossos relacionamentos com os outros homens* ”. grifos nossos

Neste sentido, com enfoque em uma das direções identificadas por Freud como fonte de nosso sofrimento – de nossos relacionamentos com os outros homens – consideramos o desamparo social na vivência do cotidiano.

Articulando o desamparo no Campo do Social, sob o ponto de vista da falta de garantias do sujeito no mundo, a necessidade de proteção perdura por toda a vida; a busca continua em direção de algo ou alguém, mais poderoso, que dê garantias à estabilidade no mundo, de um ideal protetor de todos os perigos.

Assim, o homem constrói a civilização, numa tentativa de diminuir seu desamparo diante das forças da natureza, dos enigmas da vida e da própria morte.

Porém, essa mesma civilização, constituída/construída com o intuito de diminuir o desamparo do sujeito, “impõe condições” para que ele se sinta/esteja inserido na mesma. Estas “condições” infligem ao sujeito na contemporaneidade diferentes formas de sofrimento que desencadeiam novos sintomas.

Lucianne Sant'Anna de Menezes(2008/2012) destaca que: “*Há um estilo de sociedade em pauta que gera condições e possibilidades para a produção de determinadas psicopatologias como típicas de sua época.” ...nossos comportamentos, sofrimentos, sintomas, etc podem ser considerados como uma resposta às solicitações do ambiente, ou seja, da família, da sociedade. Sob esse prisma, não há como negar que uma sociedade desenvolve processos sociais e individuais, que a vida social exige que o indivíduo modifique e, consequentemente, por que não pensar em (psico)patologias específicas de uma época da civilização? Específicas de um modo de relacionamento dos sujeitos em grupo? Ou como resposta às exigências desse grupo?*”

Diante de tais condições e possibilidades identificam-se algumas sintomatologias contemporâneas que apresentam correspondência ao desamparo: as compulsões, a bulimia, a anorexia, a depressão, a droga dicção, a violência (física, psicológica, sexual, sonora, social, visual), o pânico, ... ,

Destacamos aqui o pânico, não por maior importância sobre as demais, mas por ter uma estreita conexão entre o desamparo fundante e o desamparo social, nesse caso, oriundo, principalmente, dos frágeis laços sociais/humanos. Laços estes que veem a cada dia se tornando cada vez mais fluidos e momentâneos – tema amplamente destacado por diversos autores, dentre eles o filósofo Zigmunt Bauman(2004) que, em um de seus mais famosos trabalhos – Amor Líquido – nos traz uma profunda reflexão sobre o comportamento da sociedade nas relações interpessoais e suas consequências.

A fragilidade dos laços, que poderiam proporcionar ao sujeito uma sustentação afetiva/amorosa de amparo, e até mesmo psíquica, é uma forte fonte de angústia que possibilita a manifestação do sintoma do pânico. A busca do sujeito por um protetor, e a inexistência deste, que o ampare e o acolha contra o seu próprio desamparo está intimamente ligada ao pânico. Segundo Mário Eduardo Costa Pereira(2008), “...No pânico, a relação intrínseca entre desamparo e pedido de amor mostra-se de modo incontestável.”

O mal estar, que advém do homem civilizar-se, o conflito eterno entre as forças pulsionais e o limite simbólico (as restrições) serão a condição de constituição da subjetividade do humano, sendo o desamparo a sua base por excelência.

O que se constata, através dos estudos e discussões a cerca do tema, é que a incidência do pânico tem como um dos motivos a dificuldade/incapacidade do sujeito de subjetivar a sua condição de desamparo.

IV – Terceiro Momento

O desamparo vivido no subjetivo.

O que diz respeito à condição de incompletude, de finitude, de limite, de solidão, do imprevisível, do inominável, do resto pulsional.

E a clínica psicanalítica nos remete ao tratamento desse sujeito frente ao seu maior mal estar – seu próprio desamparo! E como propiciar condições para que este mesmo sujeito crie possibilidades afetivas no enfrentamento desse desamparo.

Leva-se, aqui, em consideração dois conceitos dentro da psicanálise: o de superego e o de repúdio à feminilidade.

Como entender isto?

O sujeito é o resultado do que ele vive, ouve, vê, sente, percebe e permanece, durante sua vida assujeitado ao seu próprio desamparo. Experimentou ser desamparado e na medida que os processos psíquicos avançaram e se desenvolveram, estruturou-se o superego.

Instância crítica, herdeiro do complexo de Édipo, resultado das identificações do superego dos pais. Este sujeito faz consigo mesmo o que experimentou – o que fizeram com ele. Ao ser desamparado, abandonado e rejeitado, ele próprio repete isto, alienando-se de si mesmo através do superego. Faz uma construção distorcida e absurda de não merecimento de amor – já que ninguém me amou eu também não me amo; e não fui amado porque sou ruim e mau.

A criança não possui recursos psíquicos para fazer o discernimento de que não foi possível o amparo que ela necessitou, não por ela, mas pelo limite do outro. Como ela é o “centro do mundo”, tudo acontece por sua causa, ela é a culpada e responsável pela falta do afeto. Por não ter podido ser acolhida ela também não se acolhe e muitas vezes se destrói parcialmente ou até mesmo completamente. Um superego atuante, normalmente cruel, que julga, que tortura e que acaba mantendo o sujeito numa condição de desamparo e abandono que ele já bem viveu.

O conceito de “repúdio à feminilidade” aparece em Freud(1937) em Análise Terminável e Interminável. Uma vivência além da castração, relacionada com a feminilidade, que não se restringe ao mundo das mulheres. Mas que aponta para um lugar sem emblemas fálicos, uma experiência que provocaria horror para homens e mulheres. Justamente aponta para a condição originária e intransponível do sujeito, que é a condição do desamparo frente à si mesmo e frente ao mundo, sem poder contar com proteção alguma face aos perigos e à dor.

Vivenciar a dor de existir, entrar em contato com a impossibilidade. Entrar em contato com o vazio interno, uma dor eterna. Pode acontecer aqui uma outra distorção: diante da impossibilidade de ser completo, sentir-se ruim e incapaz. E, por isto, mais uma vez, merecedor de abandono e desamparo. Chegar a este lugar, é um fato importante no tratamento analítico: proporcionar o sujeito a reexaminar e alterar sua atitude para consigo mesmo.

Encarar sua própria condição significa renunciar ao todo, é uma aceitação profunda de si mesmo. Poder se acolher e se amar apesar de não ser completo. Poder se aconchegar mesmo com esta falta. Desfazer a distorção – merecer ser amparado e acolhido.

Poder Ser!

Essa é a dimensão da dor: assumir-se enquanto ser faltante para que o desejo possa emergir e a singularidade se faça.

Na medida que aceita e reconhece sua fragilidade torna-se fortalecido para a vida. Tornar-se receptivo ao afeto do outro e ao afeto por si mesmo. Estar aberto,

enquanto castrado, fendido, é a condição de existência! É entrar em contato com o nada, o feminino, o criativo, aquilo que não é nomeável, que não tem representação. Não se assustar mais com este lugar! É aqui que se experimenta o mais próximo à vivência da morte.

V – Conclusão

Não existe cura possível para o desamparo humano. A grande saída, a esperança, é que o sujeito, diante de seu desamparo, crie e reinvente novos destinos para ele. E com isto, tornar sua existência possível.

E a esperança é que, diante desse desamparo, o sujeito sob análise possa chegar a uma consciência e compreensão do mesmo e a partir daí, fazer um resgate de si mesmo – aquela vivência, que por toda uma vida foi sentida como desamparo, possa se transformar em saídas criativas e possibilidades para sobreviver a ele.

Se permitir:

Um pouco de amparo;
Uma cota de amparo;
Uma porção de amparo.

Suficientemente bom para que ele não mais sobreviva, mas viva com afeto, respeito, reconhecimento, autovalor, autoestima elevada...

Referências bibliográficas

- Bauman, Zygmunt (2004). Amor líquido – Sobre a fragilidade dos laços humanos. *Editora Zahar*
- Laplanche, J. / Pontalis J. B. (1967). Vocabulário da psicanálise. *Martins Fontes*
- Menezes, Lucianne Sant'Anna (2008/2012). Desamparo. *Casa do psicólogo*.
- Menezes, Lucianne Sant'Anna (2006). Pânico: efeito do desamparo na contemporaneidade. *Casa do psicólogo*.
- Neves, João Francisco (2016). A psicanálise e a questão da transgressão – O sujeito ontem/hoje; o desamparo. *Phorus i. p. – Jornada de psicanálise 2016*.
- Pereira, Mário Eduardo Costa (2008). Pânico e desamparo. *Editora escuta*.
- Schor, Daniel (2017). Heranças invisíveis do abandono afetivo. *Editora Blucher*.